



Director literario:
Alcides
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
 PAPUSSE

O CASTELO DO DIABO

Por Horacio de Castro Guimarães
 Desenhos de Eduardo Malta

Continuação do número anterior

Já nascia a madrugada e lá de cima, os olhos pasmados do Cruzado, viam enormes terras, grandes campos, árvores carregadas de frutos e homens e gados. Era quasi metade da Terra...

Então, o Diabo, falou assim:

— «Tudo isto que tu avistas daqui, em redor, e outras muitas riquezas e maravilhas mais, que eu farei nascer, tudo será teu, de tudo serás dono e senhor, se estiveres disposto a assinar comigo um contracto!

Pensa bem. Olha que o negócio vale a pena...

Em troca de tanta riqueza, que te darei imediatamente, apenas assinarás este papel que aqui trago e no qual declararás que, à tua morte, será minha a tua alma!

Como vês, bem pouco te peço; uma ninharia, — a tua alma!...

— «Vamos, assina. Não hesites e lembra-te que talvez não te apareça outra ocasião de fazeres tão belo negócio!»

O soldado hesitava, mas o Diabo, falava-lhe de riquezas, duma bela vida de prazeres e regalos. E, desenrolando uma larga folha de pergaminho, o Rei dos Infernos apresentou-lha a sorrir. Então, seduzido e maravilhado, ante a perspectiva brilhante que se lhe oferecia, o pobre homem pegou no rôlo de pergaminho e com a pena de pato, que o próprio Demónio arrancou do seu barrete e humedeceu em saliva negra, logo ali assinou, sobre um penêdo, o Contracto diabolico...

Os olhos do Diabo deitavam labaredas de alegria. Estendeu-lhe a mão, agradecendo; e tirou do cinto uma espada, de lamina em brasa, que ofereceu ao soldado, dizendo:

— «Toma esta espada e logo que eu desapareça, sôbe ao penhasco mais alto desta serra e com o teu pensamen-

to em mim, bate com ela três vezes no chão, pronunciando, de cada vez, o meu nome:

Belzebuth Mafarrico Manderico...

— «E agora sê feliz e até um dia...»

Dito isto desapareceu no chão; entre um rôlo de fumo nauseabundo.

O soldado subiu depois à serra e fez tal e qual o Diabo lhe mandou. Ao dar a ultima pancada no chão e pronunciar pela derradeira vez:

Belzebuth Mafarrico Manderico...

Imediatamente viu surgir e alandorar-se no cimo das fragas, um alto e maravilhoso Castelo, de rendilhadas tôrres e ameias, com seteiras e vigias bem guarnecidas de gente armada de bestas e lanças. E logo a ponte levadiça do Castelo desceu sobre o fôssato até ao chão, para dar passagem a um luzido cortejo de ricas donas e cavaleiros, vestidos de sédas e cobertos de joias, com reluzentes armaduras de ouro e prata e trazendo no cimo das lanças, de pontas de diamantes, pendões e galhardêtes de muitas côres.

A frente, um grupo de formosos pagens môços, caminhava a pé, entoando nas suas trompas e clarins de ouro puro, um lindo e animado hino de guerra.

E toda aquela vistosa comitiva se dirigiu ao encontro do maravilhado soldado, que, êle proprio, sem dar sequer pela mudança, estava agora ricamente vestido e montado sobre um fogoso cavalo negro, ajazado de ouro

e sédas adamascadas, com bordados de pérolas e corais. E assim, no meio de cavaleiros e formosas damas, à frente do cortejo deslumbrante, o soldado entrou, orgulhoso e contente, no pátio do *Castelo do Diabo*, — de que êle era agora, o único dono e Senhor!



Muitos anos passaram. Aquêlê soldado miseravel e pobreto, que os meninos se lembram de ter visto, cheio de fome e cansaço, na estalagem do *Alma do Diabo*, — é agora um rico Castelão, dono de muitas terras e senhor de muitos havêres!

Esqueceu depressa os anos de fome e de privações, e, estonteado por todo aquêlê luxo que o rodeia, fez-se soberbo e mau. Vive no meio de festas constantes, caçadas, ceias até altas horas da noite. Nunca mais se lembrou de procurar a mulher, os filhos, que, certamente, morreram na sua aldeia longinqua, de saudades e de miseria.

Para arranjar dinheiro á farta, para os seus divertimentos e festins, todos os anos lançava pesados impostos sobre os seus caseiros e vassallos, que muitas vezes mandava roubar e matar, quando se recusavam a pagar o que êle lhes exigia.

O povo vivia triste e aterrorisado, sob o dominio daquêlê tirano cruel!

Começaram a levantar-se vozes de ameaça e rebelião, contra tão insupportaveis desmandos. Os homens rugiam como feras numa jaula, rondando de noite as imediações do Castelo e erguendo para êle os punhos cerrados de raiva.

A pouco e pouco, entre o povo, foi-se formando uma grande conspiração, que, ao primeiro motivo, explodiria com estrondo...

E assim aconteceu. Um dia, repicavam os sinos da Igreja, annunciando o casamento duma linda rapariga, com um estimado rapaz, vassallo do Castelo.

Nisto, chêga e apeia-se ás portas do adro, um grupo de cavaleiros, que, por mandado do Castelão, vinham buscar a noiva formosa, que chorava, a tremer de susto, nos braços do seu noivo.

Foi aí o começo da revolta. Todo o odio, há muito acumulado no coração do povo, contra o feroz Senhor, explodiu em infernal gritaria. Vieram homens armados de machados, foices roçadouras, chuços e varapaus ferrados, e atirando-se contra os cavaleiros, que se preparavam para levar a rapariga desmaiada, mataram muitos dêles e puseram os outros em debandada. De toda a parte acorria mais gente armada, tanta, tanta, que já parecia um mar de cabeças. E aos gritos de «morra o Castelão» e «abaixo a tirania»; investiram contra o Castelo, tudo levando estilhaçado á sua frente: homens, cavalos e grossos portões chapeados.

Os mortos, de parte a parte, eram já aos milhares e o sangue corria, em levadas, inundando os fossos e encharcando as salas.

Vendo-se perdido, o Castelão refugiou-se na sala forte da alta torre albarrá, toda coberta de ferro e onde o povo não chegaria, estava palido de susto, sentindo cá em baixo os gritos loucos da gente revoltada, despedindo por toda a parte estrepitosos golpes de machado. E como o Castelão não aparecia, a fúria e a gritaria eram cada vez maiores.

Era já noite e ainda se ouviam gemidos, rugidos da pejeja. De repente, o Castelão viu lá fóra um grande clarão vermelho. Correu á janela e fugiu logo para dentro sufocado, porque já uma enorme labareda chegava á torre.

E que o povo, não podendo apanhar vivo o Castelão, tinha incendiado o Castelo, que ardia todo, parecendo, na noite, um imenso archote acêso...

Estava perdido, irremediavelmente!

Lembrou-se, então, de encomendar a alma a Deus e ajoelhando-se, ia para rezar quando, de repente, dum buraco no chão, surgiu o seu amigo Diabo. O Castelão correu para êle aillito:

— «Salve-me, salve-me, meu amigo!

Mas o Diabo, a rir, zombeteiro, estendeu-lhe diante dos olhos o rôlo de pergaminho do antigo contracto.

— «Impossivel, meu caro!

São horas de me entregares a tua alma... Tem paciência; mas o prometido é devido!...

E o Diabo, que não esquece o que lhe devem e não perde as boas occasiões de arrastar as almas para o inferno, agarrou o Castelão pela cin'a e desapareceu com êle, pelo mesmo buraco por onde veio, entre chamas de fogo, para as profundidades da Terra, que é onde dizem que fica, a célebre *Caldeira de Péro Botêlho*...



F I M

De um livro para crianças a sair.

História do macaco

Ao Joãozinho

Era uma vês um macaco.
P'ra fazer a barba, entrou
Numa loja de barbeiro,
E n'uma cadeira trepou.
Mestre-filgo, escamado,
A cauda ao mono cortou.
O macaco p'ra vingar-se,
A navalha lhe furtou;
E p'ra longe do povoado
Aos pulos se encaminhou.

Ao passar numa azinhaga,
Com uma velha deparou.
Que, á unha, estava escamando
Seis sardinhas que comprou.
A' velhota das sardinhas,
El' a navalha emprestou...
Mas a ingrata mulhersinha
A entregar-lha não tornou.
O macaco, per desforço,
Uma sardinha roubou;
E aos guinchos, aos grandes pulos,
Logo dali se afastou.

Ao passar junto a um moíno,
Com o moleiro topou
Que, sem conduto, comia
Pão de milho, que comprou.
— «Queres trocar esta sardinha
Por farinha?» — Ele acatou.
Mas, depois de estar servido,

A' farinha se esquivou.
O macaco, p'ra castigo,
Um sacco dela furtou;
E para longe do moíno
Ligeiro, se encaminhou.

Na primeira povoação
Viu uma escola onde entrou.
Muitas meninas lá estavam;
Com fome a todas achou.
A' mestra dessas meninas,
Ele a farinha emprestou.
Mas a mestra desalmada,
A farinha lhe negou.
O macaco ficou furo
E uma menina roubou.
E logo, numa corrida,
Muito contente, abalou.

A pouca distancia, uma
Lavadeira, êle encontrou.
Que, bem cançada, lavava
Camisãs que não sujou.
Para ajudar a mulher
A menina lhe emprestou.
Mas depois,, a lavadeira
A menina lhe negou...
O macaco, por vingança,
Uma camisa empalmou.
E muito ancho da proeza,
Sem demora, desandou.

Alguns passos mais adiante,
Um violero encontrou
Que, não tendo uma camisa
A do macaco invejou.
Ao fabricante de violas
A camisa êle emprestou.
Mas o homem era torto,
E a camisa lhe negou.
O macaco, de zangado,
Uma viola alapardou.
E sem mais firme nem guar-te,
Numa corrida largou.

Subiu lesto, ao miradouro
Duma quinta que topou...
Dos maus tratos que tivera,
Tirar proveito jurou...
Pegou na sua viola
E uma ária improvisou.
Fazendo gemer a banza,
Desta maneira cantou:
Do meu rabo, fiz navalha;
Da nava ha, fiz sardinha;
Da sardinha, fiz farinha;
Da farinha fiz mentina;
Da mentina fiz camisa;
Da camisa fiz viola;
Perfum-fum fum! Perfum-fum fum!
Adeus! que vou para Angola!

Leonorela.

O FEITICEIRO HUGO

Conto de JOSE' S. RAU
Desenhos de EDUARDO MALTA

(Continuação do número anterior)

O feiticeiro Hugo, que ali perto buscava raízes venenosas e que fizera um pacto com o demônio, ouviu aquela vizinha desgarrada e aproximou-se. Tomou a forma duma santa mendiga, dobradinha de cansaço e perguntou: — Oh minha menina, anda de noite pela mata? — Perdi-me e agora não sei achar o meu ribeiro. Estou com muita fome e com muito frio.

— Vem comigo e acharás agasalho.

Bateu no chão com um cavaço e logo apareceu um coche puxado por dois lagartos verdes. A pastorinha subiu e começou a rir quando viu que os lagartos tinham grandes azas de cisne e levavam o coche pelos ares.

No outro dia acordou numa cama de lençóis bordados. Na meza de cabeceira descobriu uma bandeja com bolos apetitosos e comeu. Onde estava ela? O quarto era rico até mais não, nas paredes havia espelhos brilhantes e pinturas agradáveis à vista.

A pastorinha, que era ainda uma criança de alma, bateu as mãos de contente. Ao som destas palmas, uma preta com dois brinços azuis nas orelhas entrou silenciosamente por uma porta, trazendo um lindo vestido de seda que parecia um sonho. A pastorinha deixou-se vestir, deixou-se pentear, saltou a um espelho e deu um grito de admiração. Não era já pastorinha, era uma princesa leirs, um milagre de formosura e de sumptuosidade. Interrogou a preta, que se limitou a mostrar os dentes muito brancos.

E, como ela insistisse com perguntas, e mais perguntas, a preta fez sinal que era muda, abriu a boca e mostrou a língua cortada.

Levou-a depois por salões diversos e deixou-a num terraço de mármore que dava para um jardim maravilhoso. Na balustrada, preso por uma corrente, estava um papagaio de penas que se viam de longe e que tinham todas as cores do arco-iris. Assim que a viu o papagaio começou a pulular e a dizer:

— Quando são as bodas?

A pastorinha gritou de medo e fugiu para o quarto, onde esteve todo o dia encantada, ouvindo uma música invisível. No outro dia, habituada ao mistério (porque tudo nesta vida é uma questão de hábito) saiu para o terraço e achou imenso espirito ao papagaio que repetiu, aos pulos:

— Quando são as bodas?

Fez-lhe uma carícia com a mão e desceu ao jardim que

era enorme, de ruas de areia cinzenta e árvores cheias de frutos extraordinários, que pareciam balões e deitavam um perfume exqu岸itamente doce. Desde então a pastorinha passou horas inteiras naquele jardim maravilhoso, onde os passarinhos mais raros e os animais exóticos viviam num sócio feliz. Trazia todas as manhãs fardos de

bolos, que os rouxinóis, os verdilhões, as toutinegras e muitas aves africanas desconhecidas, vinham comer na meiga superfície das suas mãos. A um canto, entre duas estátuas, havia uma fonte que deitava, perpétuamente, um fio de pedrarias faiscantes, que depois corria pelos canteiros fóra, até a uma lagoa que mais parecia uma joia imensa e que tinha um refulgo que subia ao céu. Todas estas maravilhas, e sobretudo uma tartaruga vermelha que habitava a lagoa e a qual nunca conseguiu domesticar encantaram a pastorinha durante muito



anos sem que ela percebesse o invisível rolar do tempo. O papagaio bem dizia, em ar de graçaça:

— Nunca vi uma cara como a tua!

Ela não fazia caso pois considerava o papagaio como um trocista e soprava-lhe sempre no bico, o que o obrigava a pular e a esvoaçar. Mas a verdade era que a pastorinha

era agora uma mulher cheia de graça, com os seus cabelos todos brilhantes, com a sua voz suave, com os seus olhos muito profundos e decerto, se o rei mais poderoso da terra pudesse ver, mesmo de longe, logo se quedaria loucamente enamorado dela. Porém, quando se deitava, depois da creada preta ter apagado a luz (nessa ocasião os seus cabelos serviam de lamparina) a pastorinha sentia um nó na garganta, uma dor no coração e a imagem do seu lindo cavaleiro dava-lhe uma saudade infinita.

Assim, um belo dia, começou a achar a sua prisão muito triste, começou a aborrecer o papagaio, a preta, os passarinhos e até a tartaruga vermelha da lagoa a fazia suspirar de desalento. Nesse dia o pobre papagaio não ousou largar a sua pilhéria do costume e quando a viu voltar ao palácio, esganiçou:

— Meu bem, queres um tesouro?

Ela sacudiu a cabeça. Que lhe importava um tesouro? Mas o papagaio insistia, aos pulos e chegou-se a ela aos repêdes na sua corrente.



(Continua na pagina 6)

A QUADRILHA

(AVENTURAS de PIM, PAM e PU)



Três gatunos dos piores,
Comandados por mais um,
Andam pelos arredores
Do lar de Pim, Pam e Pum.



Meia noite! Tudo dorme...
Os gatunos, com cautela,
Pegam numa escada enorme,
E entram pela janela.



Pensam, repensam, cogitam,
E logo, com toda a tática,
As ideias que os incitam,
Começam a pôr em prática.



O nariz do Quim criado,
Das pistolas arremêdo,
Com carvão enfarruscado,
Encherá todos de mêdo!



Dos gatunos capitão,
Entra a porta, Zé Danado...
Soltam a corda; ... e o ladrão,
Ficou logo embarrrillado.



Outro ladrão mete o bico
Dentro da porta, a seguir...
E ao vêr com pernas um pipo,
Desata logo a fugir.

DO ZE' DANADO

(VERSOS E DESENHOS DE PAPUSSE)



Os quatro, com grandes pernas,
Começam a procurar.
Empunhando umas lanternas,
Coisas boas para roubar.



Pim, Pam e Pum, levantados,
Espreitam por uma fresta;
E ao vêrem que são roubados,
Põem os dedos na testa.



A Quitéria cosinheira,
Muito doente e com asma,
Já com cara de caveira,
Vai vestida de fantasma!



As ideias são às mil!...
No cimo da porta aberta,
Penduram certo barril,
E ficam todos àlerta!



Um outro, vendo a Quitéria,
Tem suores frios, delira!...
Julgando a coisa mais séria,
Pela janela se atira.



Ao quarto, p'ra terminar,
Pam a pistola apontou;
E Pum gritou:— Mãos no ar!
E as pernas Pim lhe amarrrou.

(Continuação do conto O FEITICEIRO HUGO)

Vai à lagôa e pede à tartaruga que te mostre o palácio de cristal. Ao falar, desenha trez cruzeiros no chão.

Levemente curiosa, a pastorinha foi direita à lagôa de pedrarias e executou as instruções do papagaio.

Com grande espanto seu, a lagôa abriu-se pelo meio, descobrindo os degraus duma escada, que a tartaruga começou descendo. Ela fez o mesmo e, em breve, se encontrou a grande profundidade do sólo, num deslumbrante palácio de cristal. A pastorinha admirou a transparência dos moveis, de todos os objectos, e, de si para si, confessou que nunca entrara num palácio. Atravessou muitas salas, até que chegou a uma parede que tinha uma espada de dois metros pendurada, também de cristal.

Preguntou à tartaruga para que servia uma espada tão grande e ela respondeu:

— É uma espada mágica, e quem for capaz de segurá-la na mão, é invencível.

Tocou-lhe, empurrou-a, e a espada nem se mexeu. Foi andando, andando, por outras salas, até que chegou a um repositório que encobria uma porta. Entrou e viu um pavão de cauda que passeava lentamente em volta duma tina de prata cheia de leite. A pastorinha demorou-se a contemplar o pavão, achou-o tão lindo e começou a dizer-lhe palavras bonitas. O pavão aproximou-se dela, com a sua pôpa esverdeada, e deitou-lhe uns olhos tão inteligentes, tão desesperados, tão meigos que ela desejou consolá-lo e fez-lhe muitas festas. Enquanto lhe fazia festas, a sua tristeza retomou-a e sentiu uma grande vontade de chorar.

A lembrança do cavaleiro entrou de novo no seu coração e muito suavemente, muito apaixonadamente, a pastorinha cantou em voz baixa o seu velho romance:

Meu cavaleiro cruzado,
Meu filho de imperador...

Palavras não eram ditas e pavão dá um grito agudo atira-se de chapa na tina de leite e transformou-se num príncipe em que a pastorinha, estupefacta, reconheceu logo a imagem do seu amor.

O príncipe, que estava vestido de veludo bordado a ouro, apertou-a nos braços e murmurou:

— Quebraste o meu encanto. Eu sou o príncipe herdeiro. Ha muitos anos fui enfeitado pelo

feiticeiro Hugo, que me deu corpo de pavão e o meu encanto só devia acabar quando uma donzela adivinhasse quem eu era. O teu romance salvou-me, fujamos daqui e serás minha mulher. Mas quando chegaram à porta, viram a tartaruga mudar-se numa serpente de olhos em chama e rastejar para elles. A pastorinha então lembrou-se da espada de cristal, que tornava invencível.

Correram ambos à espada e o príncipe, que era forte e geitoso, conseguiu erguê-la na mão e zás, dum grande golpe decepou a cabeça da serpente. Atravessaram a correr todas as salas, saíram para o jardim, chegaram e viram o papagaio. A pastorinha disse:

— Ai papagaio porque não és gente que las conosco!

Palavras não eram ditas, o papagaio muda-se em homem e vai com eles. Assim breve chegaram ao pátio do castello de Hugo, que ali passava com as suas horribes barbas, lendo um livro de magia negra. O príncipe não lhe deu tempo para lutar e zás, dum grande golpe, abriu-lhe a barriga ao meio. O feiticeiro caiu logo morto, numa poça de sangue a ferver, de onde escapavam grossas columnas de fumo. Então os trez fugitivos tomaram logar no coche puchado e lagartos verdes, que os levou pelos ares fóra e os deixou no sopé da montanha, à beira do riacho fresco, onde as ovelhas da pastorinha esperavam ainda por ela. Nessa ocasião ouviu-se um estridor cheio de relampagos e os três olharam, assustados. O castello do feiticeiro Hugo, acabava de ruir completamente entre labaredas e nuvens diabólicas e no cume da montanha, lá muito alto, via-se agora apenas a brancura imaculada da neve.

O príncipe herdeiro casou um mês depois com a pastorinha e o homem-papagaio ficou a servi-lhes de escudeiro. O príncipe, graças à espada de cristal, é um guerreiro invencível. E não ha dia algum, por mais ocupada que esteja, que a pastorinha de cabelos de sol, que é hoje a mais linda princeza deste mundo, não cante em voz baixa o seu velho romance de amor:

Meu cavaleiro cruzado,
Meu filho de imperador...
De onde se deduz que a constancia do coração é a maior garantia da felicidade.

F I M



Adivinhas

1
Qual o bichinho que acaba
De fabricar um tecido,
E, vaidoso, até se baba
Antes mesmo de vestido?

2
Qual a coisa, companheira
De todos, sem ser consorte,
Que apesar de ser inteira
E' melade e está com sorte?

Decifração das anteriores:

- 1 — Lava
2 — Pato marisco

ANEDOTAS

Na tribunal — Julgamento de um sapo.

O juiz: — Para que traz o senhor esse pau?

O réu: — Porque V. Ex.^a me pediu.

O juiz: — Eu?...

O réu: — Sim; V. Ex.^a disse-me que trouxesse a minha defeza.

— Como?!
— Não sei, porque não vi como elle se perdeu.
— Não viu?!
— Não, se visse tinha-o apanhado.

*
* *

Um bêbado para um «chauffeur»:

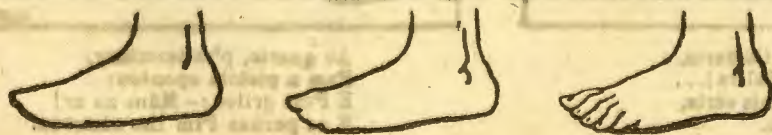
— O' chico, porque é que tu com um litro andas cem quilómetros e eu com cinco litros não ando nem meio metro?!

Baldomero Herrera Tabora.

Na quartel

— Men coronel, perdi o meu cinto.

UMA
LIÇÃO DE
DESENHO

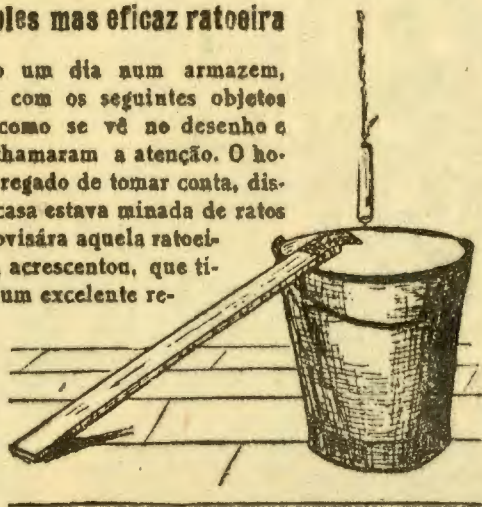


Como se faz
um pé

HORA do RECREIO

Uma simples mas eficaz ratoeira

Entrando um dia num armazem, deparamos com os seguintes objetos dispostos como se vê no desenho e que nos chamaram a atenção. O homem encarregado de tomar conta, disse que a casa estava minada de ratos e ele improvisara aquela ratoeira. Achara, acrescentou, que tinha dado um excelente re-



sultado, tendo numa ocasião apanhado nela três ratos.

A ratoeira consiste n'um balde galvanizado, tendo encostada á borda uma taboa em cuja extremidade está colado um pedaço de papel pardo, um tanto forte. Uma vela de cebo está suspensa duma trave por um barbante, de forma a tocar quasi, mas não completamente, na borda do papel pardo. A taboa deve ter sido ligeiramente esfregada com a vela para guiar as patinhas do caminhante na sua jornada por ela acima até chegar ao papel pardo e começar a interessar-se pela vela que oscila enquanto ele faz tentativas para morder.

O pobre do rato depressa perde o equilibrio e mergulha num abismo cheio de agua, deixando a prancha em miniatura disponível para quaisquer outros membros da sua familia que apreciem velas de sebos e por fatalidade venham por ali a passar.

Goncursos do PIM-PAM-PUM!

Confórme annunciámos no nosso numero anterior publicamos hoje a lista dos nomes dos cinco illustres membros que constituirão a mesa do júri que deliberará sobre o valor das produções literárias e artisticas que, com enorme affluencia, nos foram enviadas:

DR. TRINDADE COELHO

(jornalista, poeta e escritor)

CARLOS SELVAGEM

(dramaturgo e escritor)

EDUARDO MALTA

(pintor)

JOSÉ PACHECO

(Arquitecto)

AUGUSTO DE SANTA-RITA

(Poeta e escritor)

Continuaremos, entretanto, a publicar a lista dos autores dos trabalhos recebidos, na impossibilidade de acusarmos, neste número, a recepção de todos

Série A

Armando Ribeiro Lemos, Mario Campeão, Ita Mateus Pereira, João Canhedo Peres, Maria da Piedade Mota, José J. Ribeiro Tavares, Carlos Francisco dos Santos, José Fernandes Farinha, Lea Arez Ferreira do Amaral, Branca Lopes Voz, Manuel Fonseca Macario, Antonio José Corrêa, Henriqueta da Piedade Mota, José de Almeida Castelo Branco, Antonio L. T. Costa, Maria Emilia Casterão, Mario Vitoria de Almeida Castelo Branco, Joao José Rebelo Maluco, Ilda Costa Silva, Francisco Gonçalves Franca Americo Monteiro Abreu, Ana Maria Santos Raul, Antonio de Matos, Evagelina da Costa Marques, Sergio Lopes Madeira, João Emilio Paul, Americo Freire da Paz Ataíde Santinho Coelho, Fernando Ramôe, Guilherme da Silva Ferreira, Maria Balbina V. Pereira, Olinda Eulalia do Carmo, Jorge Manuel M. Nunes de Carvalho, Antonio Marques, Maria Luiza V. Pereira e Silva, Raquel Vitorino Pereira, João Alexandre Salvador, Armando Duarte Rebelo, Antonio e Maria Amelia Dias Ferrão, Reinaldo Varela de Carvalho, Antonino Rev-Naldo Ramiro Torres de Almeida, Ernesto, Irene Alves, Natividade de Almeida Martins, Manuel Eduardo Valente Arnaud, Nicolau Eerreira Belchior, Antonio José d' Almeida, Augusta Angelo, Antonio Maria Pinto Angelo, Rogerio Soares dos Santos.

CORRESPONDENCIA

Meas amiguinhos

Uma grande novidade!! Brevemente começará no Pim-Pam-Pum uma nova secção. *Enzenhocas o Tlontonlo*. Depois é que eu quero ter esses grandes enzenheiros, atafadados a construírem coisas espantosas!!... soberhas!!... fenomenais!!... que de vez em quando ensinarei. Mas não me esqueça das maninas. Lá mais para diante terão corsas... mas que coisas!! Não digo mais nada porque até já me está a pular o pé de contente... Enfim, agora é que o Pim-Pam-Pum vai ficar um jornaliq!! Até 3' feira. Vosso amigo sempre certo.

Tlontonlo

Gulherme Frederico Pado Pereira da Rosa—Podes concorrer... ou não fosses tu quem és! Vamos tentar fazer-te a vontade relativamente ás construções, apesar de ser um problema difícil de resolver, devido á qualidade do papel. *Luisa Salomé*—Impossível responder aqui. Peço o favor de me mandar a sua morada. *Santa-Rita*.



Para os meninos dormirem

*Ó meu amor faze ó-ó...!
Melhor que ó-ó... nada ha!
Um dia tu dirás: — ah,
Se eu inda fizesse ó-ó!*

*Contudo, tornado em pó,
Um dia, enfim, chegará,
Em que possas dizer: ah,
Já torno a fazer ó-ó...!*

*Um dia tu dirás só:
Oh, como esta vida é má!
Um dia tu dirás: — ah,
Se eu inda fizesse ó-ó...!*

*Mas entretanto, até lá,
O' meu amor, faze ó-ó...!
Pois que melhor que um ó-ó...
Um bom ó-ó... nada ha!*

(Inédito)